

Congreso de Barcelona 2023 Convergencia

O nó da clínica

Edgardo Feinsilber

Se a psicanálise é uma práxis do real: que di-dimensão do real estamos diante? Lacan inicia seu desdobramento afirmando que o real é o que sempre retorna ao mesmo lugar, pois o que é expulso do simbólico retorna do real. Na minha análise esse lugar é o do Outro Autre, A. E em seu Seminário 'A lógica do fantasma' ele afirma que o Outro é o corpo. Então esse real está com lei e ordem porque implica repetição; Para isso, parte da ideia da revolução das estrelas, que reiniciam seu movimento após completarem seu circuito.

Afirma então que o real é o impossível de apreender pelo simbólico, o indizível e como tal é o lugar onde abundam os buracos, tendo uma falta que funciona como causa. Assim ele compreende que o objeto a-significante é cadente e transferível, o que é exigido por seu Outro Primordial; é uma parte de si que cai no campo do Outro, sendo um real sem lei nem ordem. Na clínica agora o real é o sintoma, o terceiro do real, como afirma o Congresso de Roma, aquele que continua com o analista-sintoma na neurose de transferência, na proposta de Harari.

Mas sua postura de articular a lógica com a matemática na tentativa de avançar na apresentação dessa falta, o leva a uma topologia que pode apresentar o que não foi demonstrado, provocando uma passagem para o real turbilhão, um real por pontos, pedaços como pedras .do real, com o qual ele vem a colocar um real indecidível.

A dimensão simbólica do Outro é riscada por esse a-objeto, a-significante, pelo qual o a-objeto e o Outro não têm relação racionalmente determinável. Assim, em seu Seminário RSI (21/01/75) ele nos conta que o Outro tem uma matriz de dupla entrada, composta pelo a do real, o da

causa que sempre tagarela, e o Um do simbólico. Este Um implica uma dimensão do significante e outra do significado. O Um do significante

pode ser um fonema, uma palavra, uma frase ou o discurso como uma unidade. Por outro lado, o Um do sentido é múltiplo, pois encontramos pelo menos sete apresentações desse Um: o Um inteiro, qualquer Um, o Um sozinho, o Um da série, o Um único, o Um do traço unário e o 'Eu', 'a'de l'Une', o Há do Um.

Não se confundem: o do significante é singular e discreto, ligado ao corpo pela identificação que constitui o sujeito ao tomar um traço do Outro; -lembramos que para Freud o eu é antes de tudo um eu corporal-; por outro lado, o Um do sentido é 'o que ex-existe ao menos para o corpo', o que é especificado pelo inconsciente. Ou seja, o corpo ultrapassa a dimensão simbólica do significante. O R S I do corpo permanece pendente neste texto. O Um do significante pode designar qualquer signo, enquanto o Um do sentido é enigmático, epifânico e contrário.

O caminho que propomos é compreender como o real precisa do Outro para ex-sistir, ainda que o Outro não exista como propõe Lacan a partir de seu Seminário IV 'Relações de objeto...'. É assim que ele se vale de sua conceituação do signo, de Saussure e Pierce até sua última volta, recuperando a localização de Freud como a do signo perceptivo localizado na parte superior de seu modelo de "bolsa" no segundo O signo perceptivo havia sido tratado em seu Seminário 'Identificação' como sendo produzido como um afeto, que depois é criticado como algo para alguém segundo Pierce, mais do que posteriormente corrigido em seu Seminário 'Encore', para vir a propô-lo como um efeito. Por isso, em sua 'Introdução à versão alemã dos primeiros Escritos' de 1973, ele nos oferece este esclarecimento: 'Um significante é um signo que remete a outro signo, e é por isso que é o significante .' consciente, o que o leva a afirmar uma mudança na sequência freudiana: não inconsciente-pré-consciente-consciente, mas nesta outra apresentação: pré-consciente-inconsciente-consciente. O pré-consciente é assim o elo com o real.

Chegamos ao ponto de nossa clínica, o do signo que consiste na leitura significativa daquilo que se inscreve no real como letra, que se apresenta como um número cifrado, para tentar decifrá-lo em sua leitura e a

audição, por meio da pulsão invocativa, bem como pela pulsão fono-sonante.

O nó clínico é constituído por seu não equivalente nó de cadeia borromeana de pelo menos quatro consistências, três das quais são o Real, o Simbólico e o Imaginário, que coexistem desde a origem mítica das palavras. Mais um quarto denominado sinthoma, Σ , Sigma, que diferencia qualquer equivalência entre os referidos registros, e que se constela do inscrito do inconsciente, independentemente do Nomes-do-Pai por fazer uso deles. O sinthoma é aquilo que se consegue ou consagra por um trabalho de cada um, sem o qual não se pode prescindir. Mais Lacan acrescenta que há um sinthoma-ele e um sinthoma-ela, ampliando assim o conceito de fim de análise.

O nó da clínica permite poder apreciar as diferentes modalidades destas finalidades de análise, consoante haja um registo da experiência que se multiplique relativamente aos outros, nos seus diferentes cruzamentos com os registos, que dão possibilidades de um fazer singular. É por isso que Lacan culmina seu percurso diferenciando um *savoir-faire* sobre o pensar, de um *saber-aí-com* em sua relação com o agir.